

Inês de Castro

Nunca mais me esqueci daquele dia, lembro-me como se fosse ontem! Tínhamos acabado de estudar o episódio “Concílio dos Deuses” e íamos começar com “Inês de Castro”. Eu já tinha ouvido falar muito sobre este maravilhoso episódio de *Os Lusíadas* e também já me tinham dito que seria muito marcante. E assim foi!

À medida que ia lendo os versos, arrepiava-me, sentindo-me como uma folha frágil, fácil de rasgar!

Saber que um amor tão grande tenha sido destruído de uma maneira tão cruel e fria é muito, muito triste. Pedro estava destinado a Inês e Inês destinada a Pedro, ambos se completavam. Como uma árvore precisa da terra, como a chuva precisa do céu, eles precisavam um do outro.

Senti-me feliz, entusiasmado e triste ao mesmo tempo, pois é uma obra literária tão maravilhosa, culta e sobretudo marcante, que custa saber que tal história se passou com os nossos antepassados.

Todos nós estávamos entusiasmados mas com o coração destroçado. A vontade de devorar aquele episódio era imensa, apesar de já sabermos o que iria acontecer nos versos seguintes.

Mesmo sabendo que já se passaram muitos anos, só queria voltar atrás no tempo, assim como nos filmes, e impedir que aquela espada, brilhante mas fatal, roubasse Inês a Pedro e aos seus inocentes filhos que, ainda sem se aperceberem da injustiça da vida, ficaram sem a sua mãe.

Gonçalo Magoito, 9ºC (2015/2016)